Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 500

11 DE NOVEMBRO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Parece finalmente quebrado o enguiço que pesava sobre as festas colombianas de Madrid, sobre essas festas, que tão brilhantemente se annunciaram e que no fim de contas iam descambando n'um enorme *fiasco*.

Annunciadas para o meiado do mez passado, transferidas logo para os ultimos dias do mez, por motivo da ida a Madrid dos Reis de Portugal, e addiadas por fim independentemente por ter sido addiada a viagem dos soberanos portuguezes, essas festas tem-se ido arrastando até agora sem brilho, sem animação, no meio do desanimo dos madrilenes e principalmente dos numerosos forasteiros que de toda a Hespanha e do estrangeiro tinham afluido a Madrid com o engodo das festas e dos quaes muitos se tem já retirado para as suas terras, desesperando de que essas festas se realisassem.

Felizmente o triste motivo que estava a demorar a realisação das festas e a addiar a ida dos reis de Portugal desappareceu e é de crêr que os festejos colombinos se terminam com muita mais alegria e animação do que começaram.

Apesar dos boatos aterradores que os pessimistas espalharam a respeito da doença do pequeno Rei de Hespanha, doença que forçou a Rainha Regente a prolongar a sua estada em Sevilha, a deixar de visitar Granada, a demorar a sua ida para a capital e obrigou os soberanos portuguezes a addiar a sua viagem, o *Rei niño* acha-se completamente restabelecido da enfermidade, que tantos transtornos causou e que tantas preoccupações fez ter a muita gente e os reis de Portugal partiram para Madrid na quarta feira, em comboyo expresso, acompanhados pela sua comitiva, comitiva em que figuram muitos dos mais altos dignitarios da corte, pelo sr. Presidente do conselho de ministros e pelo sr Ministro dos estrangeiros, e pelos directores da companhia dos caminhos de ferro.

Durante a ausencia de Suas Magestades ficou a regencia do paiz entregue a Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, e a pasta do Reino confiada ao sr. conselheiro Telles de Vasconcellos, ministro da justiça, a da fazenda ao sr. conselheiro Victor Sequeira, ministro das obras publicas e a dos estrangeiros ao sr. conselheiro Amaral, ministro da marinha.

Suas Magestades foram recebidas em Madrid solemnemente pela Rainha Regente, ministerio, côrte, que esperavam os Augustos viajantes na gare, e por toda a guarnição que fazia alas nas ruas do transito indo em seguida passar em continencia em frente do Palacio do Oriente onde Suas Magestades se alojaram.

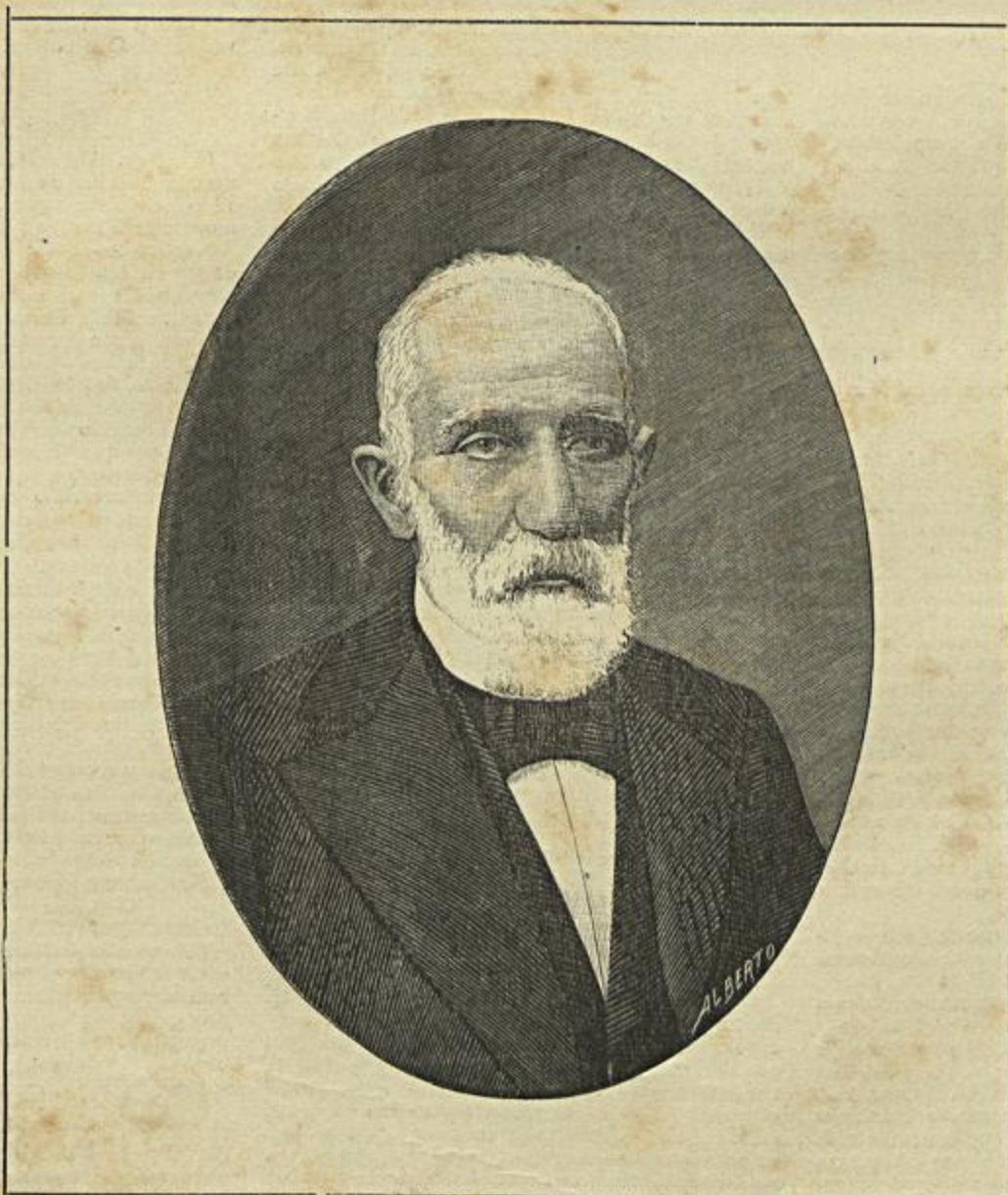
Entre as festas com que a Rainha Regente de Hespanha obsequeia os seus reaes hospedes figuram um banquete official, uma recepção em grande gala, um baile no Paço, um concerto tambem no Paço em que tomarão parte os principaes cantores da Opera Real de Madrid, e parece que o municipio madrileno prepara tambem varios festejos para solemnisar a visita dos Reis de Portugal, visita que se não prolongará alem de cinco dias, segundo se diz.

*
* *

E a respeito das festas de Madrid devemos registar aqui com sincero prazer e legitimo orgulho o brilhante papel que n'ellas tem representado os portuguezes illustres que ali foram no desempenho de varias missões officiaes.

Entre os nomes d'esses nossos compatriotas figura em primeiro logar o nome glorioso de Pinheiro Chagas, nome que hoje anda na bocca de todos os madrilenos, aureolado pela mais alta fama e consideração.

Tem sido verdadeiramente excepcional o grande *successo* alcançado nos congressos e nos banquetes de Madrid pela eloquencia brilhantissima e pelo talento poderoso do illustre orador portuguez.

As ovações acompanham-n'o por toda a parte onde elle faz ouvir a sua palavra eloquente e inspirada; o telegrapho e os jornaes dão-nos cada dia conta d'um novo successo al-

DR. ANTONIO AUGUSTO DA COSTA SIMÕES — Novo Reitor da Universidade de Coimbra

(Segundo uma photographia de Emilio Biel & C.ª)

cançado por aquelle a quem os hespanhoes, justamente tão ciosos das suas glorias, acham maior orador que Castelar.

Todos os triumphos conquistados em Hespanha por Pinheiro Chagas são verdadeiros triumphos para o paiz que elle tão gloriosamente representa.

Bordallo Pinheiro o grande artista que já regressou de Madrid de installar a secção portugueza da Exposição Colombina veio tambem de lá coberto gloria pelo successo enorme e justissimo que teve a sua bella decoração das salas d'essa secção, gloria de que tambem partilhou Ramalho Ortigão, o illustre delegado da commissão colombina de Portugal.

Nos congressos de pedagogia e de jurisprudencia fizeram tambem notavel figura dois portuguezes dos mais distinctos, n'aquelle o nosso bom amigo o sr. dr. Bernardino Machado, que mais uma vez fez prova da sua alta capacidade litteraria e scientifica, n'este o nosso querido amigo o sr. Conde de Valenças que tem recebido as mais altas e merecidas distincções de todos os congressistas e que nos trabalhos d'esse congresso tanto elevou o nome portuguez.

Honra seja a todos esses nossos illustres compatriotas que com o seu talento, com o seu prestigio tanto engrandecem a patria no estrangeiro.

* * *

Por motivos estranhos á sua vontade o nosso presado amigo e collega o sr. Moura Cabral que tão gentilmente se prestára a ir a Madrid representar nas festas o nosso jornal, não poude sahir de Lisboa, e a redacção do Occidente mandou pedir ao sr. Conde de Valenças, que por mais d'uma vez tem honrado este jornal com a sua illustre collaboração, a fineza de o representar nos festejos colombinos, pedido a que Sua Excellencia accedeu com a maior amabilidade, o que profundamente reconhecidos agradecemos.

* * *

Em Lisboa a questão, que já ameaça ser eterna, do theatro de S. Carlos, continua a ser o assumpto do dia, depois do outro assumpto palpitante, as eleições, assumpto de que não nos occupamos pelas razões já muitas vezes expendidas.

A questão do theatro de S. Carlos complicou-se com *l'embarras du choix*.

Nos dois primeiros concursos a questão preoccupou muito os *dilletanti* pela falta absoluta de concorrentes, no terceiro preoccupou exactamente pelo contrario, pela abundancia.

E' o que diz o proverbio: não ha fome que não dê em fartura.

A' adjudicação de S. Carlos não appareceu ninguem nem no 1.º nem no 2.º concurso, porque a proposta apresentada pelo sr. Freitas Brito foi entregue depois do segundo concurso já fechado; no 3.º concurso apparecem inesperadamente tres concorrentes; tres nem mais nem menos: os srs. Freitas Brito, Santos Junior e Rodrigo de Lencastre.

O programma do concurso fôra feito, segundo se affirma, sobre a proposta apresentada pelo sr. Freitas Brito depois de encerrado o 2.º concurso.

Essa proposta não acceitava textualmente as condições do programma, alterava algumas d'ellas e desde o momento em que havia alterações é claro que o governo, embora as achasse sensatas e quizesse concordar com ellas, não as podia acceitar sem novo concurso, em que essas alterações propostas fossem mettidas no programma.

Foi isto o que, e muito correctamente, se praticou com o theatro de D. Maria, foi isto mesmo o que se fez agora.

Abriu-se novo concurso, pelo praso d'oito dias apenas, e com espanto de muita gente appareceram tres concorrentes.

O sr. Freitas Brito na sua proposta limita-se a acceitar as condições do programma: o sr. Santos Junior e o sr. Lencastre cada um de per si, acceitam todas as condições e offerecem alem d'isso mais vantagens para o governo.

A lettra do programma do concurso é clara e para se fazer a adjudicação bastava ver d'entre os tres concorrentes qual offerecia mais vantagens.

Entretanto da falta d'uma exigencia que havia nos anteriores programmas e que no actual não figura — a exigencia de deposito pecuniario prévio — surgiram umas objecções justas e ponderaveis.

Desde o momento em que não havia deposito, nem responsabilidade effectiva, nada mais facil do que fazer propostas cheias de vantagens, mas perfeitamente platonicas e depois quando chegasse o momento de abrir o theatro, por aqui me sirvo, era uma vez proposta e uma vez empreza.

Para obstar a este inconveniente o governo antes de ajudicar o theatro avisou os tres proponentes de que sem o deposito previo de 7 contos de réis feito no praso de 8 dias ou promessa formal de o fazer logo depois de adjudicado o theatro, nenhuma das propostas seria tomada em conta.

Os oito dias estão correndo ainda e por isso ainda se não sabe se todos os tres candidatos fazem ou não esse deposito tomando-se, como desistindo do concurso aquelle ou aquelles que por acaso não o fizerem ou não se compromettem a elle.

Na proxima chronica já a questão deve estar resolvida e o theatro adjudicado e informaremos os nossos leitores do que houver.

* * *

No momento de fecharmos esta chronica, recemos a noticia da morte d'um velho actor, ha annos já retirado do theatro, mas que era muito conhecido em Lisboa, que teve certa popularidade entre o publico e que era uma das figuras mais caracteristicas dos nossos bastidores — o actor Carlos Marques, o velho marques do Gymnasio, o Marque do *Santo Antonio* e da *Morte de Gallo*, o Marques dos olhos inflamados, que quando começamos a andar pelas caixas dos theatros estava já quasi que retirado de scena por causa da sua inflammacão chronica dos olhos e exercia no Gymnasio — o theatro das suas façanhas — as modestas funcções de contraregra e de copista.

O Marques era já muito velho, e era já actor quando Taborda começou a sua carreira, actor e então actor de nome, o predilecto de Emilio Doux que o apresentava como exemplo a seguir aos outros artistas e ao Taborda, que fazia os seus debutes nos *Moedeiros falsos*, uma peça original do velho Petini de Luca, o primeiro professor d'arte dramatica que houve no nosso conservatorio.

N'esse tempo o Marques era um janota, um casquilho, como então se chamava, e fazia galans, genero em que nunca o publico gostou d'elle apesar do Emilio Doux gostar muito.

Annos depois, no Santo Antonio de Braz Martins é que o bom do Marques começou a dar nas vistas, n'esse papel, e nos papeis de gallego que elle fazia primorosamente com grande bonhomia e boa graça.

O Marques era um excellente homem, muito alegre, muito bonacheirão, muito jovial, sempre prompto para a chalaça, muito querido por todos que com elle lidavam no theatro, muito galhofeiro com todos, mas cumprindo sempre religiosamente com as suas obrigações e com os deveres do seu cargo.

Ha já um bom par d'annos que o Marques se retirou do theatro. Estivemos muito tempo sem o ver, sem ter noticias d'elle, mas no verão do anno passado encontramol-o uma tarde na Avenida com uma sua neta.

Via já muito pouco, estava muito velhinho mas com a mesma alegria antiga. Conheceu-nos logo, fez-nos muita festa, esteve um bocado rindo e conversando ácerca dos antigos tempos, com a sua voz muito cantada, muito typica, dando aquellas gargalhadas muito esganiçadas, que na scena contagiavam a hilaridade ao publico.

Depois abraçamo-nos e elle lá foi para um carro americano, pelo braço da netinha, dizendo-nos:

— Adeus rapaz, estimei muito ver-te, até outra vez.

Essa outra vez era até ao dia de juizo.

Pobre Marques! Que a tua boa alma descance em paz!

Gervasio Lobato.

DR. ANTONIO AUGUSTO DA COSTA SIMÕES

REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O Occidente, publicando hoje o retrato do sr. doutor Antonio Augusto da Costa Simões, associa-se sinceramente ao unanime applauso com que foi recebida em todo o paiz a nomeação de tão benemerito lente e publicista para dirigir o nosso primeiro instituto de ensino superior. Raro se tem presenciado em Portugal que á escolha d'um alto funccionario corresponda um acolhimento tão cordial e festivo como o que saudou o sr. dr. Costa Simões ao ser nomeado reitor da Universidade. A imprensa scientifica e litteraria, e a periodica de todas as parcialidades politicas, — liberal, conservadora e democratica — sem a mais leve discrepancia, elogiou rasgadamente o acerto do despacho e formulou o horoscopo d'uma reitoria proficua, de indiscutivel nobreza e austeridade.

É, por sua indole, espinhosissimo o elevado cargo de prelado universitario. Um complexo de problemas, qual d'elles mais grave e embaraçoso, desde a indispensavel manutenção da disciplina escolar e conveniente impulso progressivo ao ensino, até ás funcções puramente administrativas, tornam extremamente difficil o desempenho do logar por forma a satisfazer a todas as exigencias e á critica que vigilante segue par e passo os actos do reitor. D'aqui resulta que este funccionario não deve ser apenas um professor distincto, um sabio; mas importa muito que seja tambem um excellente economista com as aptidões d'um habil burocrata.

Na longa e patriotica carreira publica do sr. dr. Costa Simões ha bem definidos traços para se avaliar devidamente, fazendo inteira justiça ao seu caracter e talento, que em s. ex.ª se dão exuberantemente todos os precisos predicados para firmemente e com exito brilhante desempenhar a missão em que foi investido, — missão que, se por um lado é ardua e trabalhosa, por outro, encarando-se como um dos postos mais honrosos e proeminentes da nossa vida social, galardoa e remata explendidamente uma vida gloriosa, rica de bellos ensinamentos, toda consagrada ao renome da patria e ao prestigio da sciencia nacional.

A biographia do sr. dr. Costa Simões não se escreve, mesmo resumidamente, n'um longo artigo de jornal. E' trabalho de mais vastidão e folego, e por sem duvida para ser confiado a uma penna illustradissima, que possa evidenciar as intimas relações que existem entre os numerosos e importantes trabalhos do venerando professor e o notavel desenvolvimento das sciencias medicas entre nós, desde 1850 até o presente. Na impossibilidade de fazermos essa methodica resenha, que seria antes um estudo critico, apenas nos limitamos a apontar alguns dos factos que mais exaltam a insinuante individualidade do actual reitor da Universidade de Coimbra.

* * *

O sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões nasceu na villa da Mealhada a 23 de Agosto de 1819, sendo seus progenitores Francisco José Simões e D. Thereza Justina de Jesus.

Matriculou-sa em 1835 nos estudos das faculdades de mathematica e philosophia, como preparatorios para o curso medico. Em 1838 entrou para faculdade de medicina, concluindo brilhantemente a sua formatura em julho de 1843, contando 24 annos de edade.

Sahindo dos bancos da universidade com fama de estudante distinctissimo, foi logo provido no partido medico das Cinco Villas, districto de Leiria, cargo que desempenhou prestigiosamente e amado por toda a sua clientella.

N'este intervallo preparou-se para as theses, doutorando-se em 1848.

Em agosto de 1852 foi nomeado demonstrador da cadeira de materia medica e de pharmacia da Faculdade de Medicina; e pouco depois physicomór da India, cargo que logo resignou. Despachado lente substituto da faculdade de medicina em novembro de 1854, encontramol-o passado um anno incumbido da direcção do hospital da Conceição, onde se recolhiam os cholericos, a qual desempenhou dignamente e com aquella coragem e serenidade de espirito de que deu tantas provas na santa cruzada da clinica medica.

Em Coimbra ainda hoje se recorda com reconhecimento a heroicidade com que o distincto facultativo combateu de frente a propagação da epidemia.

Sendo despachado professor cathedratico em maio de 1860, foi incumbido de reger a cadeira de anatomia normal.

Em 1864 e 1865 fez uma viagem scientifica para estudar histologia, pela França, Belgica, Hollanda, Suissa, Austria e Allemanha. Foi n'esta peregrinação que s. ex.ª cuidadosamente adquiriu os elementos para desenvolver, como uma das suas obras mais gloriosas, os laboratorios de microscopia e de physiologia experimental da faculdade.

Já antes d'esta importante commissão, em outubro de 1863, tinha sido indigitado pela faculdade, e logo nomeado pelo governo, professor da nova cadeira de histologia e physiologia experimental.

Começou em 1870 a sua espinhosa e importante commissão de administrador dos hospitaes da universidade, em que notavelmente se distinguiu

pela salutar evolução que ali operou consoante os preceitos da moderna sciencia.

Fez uma segunda excursão scientifica em 1878, mas d'esta vez a expensas suas sem subvenção nem commissão do governo, visitando os hospitaes e os laboratorios medicos de Madrid, Barcelona, Montpellier, Marselha, Genova, Roma, Florença, Veneza, Turim, Genebra, Lyon, Paris e Londres. Por esta occasião foi incumbido de representar a universidade de Coimbra na solemnidade academica em honra do sabio phisiologista Schwann, a qual se celebrou a 23 de junho do mesmo anno, no instituto universitario de Liège.

Tornando-se incompativel a sua ida a Liège com estudos que não podia interromper em Londres, suppriu a sua presença áquella festividade por meio de uma mensagem de felicitação que dirigiu em nome da universidade de Coimbra ao sabio professor. Foi ainda durante esta viagem scientifica que o sr. dr. Costa Simões recebeu a subida honra de ser nomeado pelo governo francez, sob proposta de Milne Edward, membro do jury da exposição universal de Paris, em assumptos de anatomia.

O illustre professor tambem tem o seu respeitavel nome vinculado á importante reforma dos hospitaes da misericordia do Porto, de que foi incumbido em dezembro de 1882, concluindo-a com applausos da Escola Medica e da corporação clinica do estabelecimento, no breve espaço de treze mezes.

E' tambem da sua iniciativa a fundação da bibliotheca especial da faculdade de Medicina da Universidade.

A jubilação do sr. conselheiro Costa Simões, em 1882, obtida por diuturnidade de serviço, determinou um acontecimento notabilissimo, e sem precedentes nos fastos da universidade de Coimbra. Por iniciativa do talentoso academico o sr. Eduardo de Abreu, os alumnos da faculdade de medicina, com a adhesão dos corpos docentes e discentes das outras faculdades, celebraram na sala dos capellos uma sessão solemne em honra do benemerito professor com todas as notas d'uma imponente apotheose pelos seus eminentes serviços á causa da sciencia.

*

* *

Ainda apontaremos alguns factos que evidenceiam as variadissimas aptidões e prodigiosa actividade do sr. dr. Costa Simões.

De 1855 a 1857 desempenhou excellentemente o cargo do presidente da camara municipal de Coimbra.

A sua gerencia distinguiu-se por importantes melhoramentos locaes e rasgadas reformas economicas, sendo da sua iniciativa a creação de cemiterios, a pratica de cuidadosas prescripções hygienicas e importantes providencias concernentes á boa arrecadação das receitas municipaes.

Foi um dos fundadores da sociedade litteraria de Coimbra do Instituto e do jornal que a representa sob o mesmo titulo.

Pesquisou as aguas mineraes de Luso, sendo da sua exclusiva iniciativa a creação das thermas que hoje florescem n'aquella pittoresca aldeia das vertentes do Bussaco; e foi da sua iniciativa o primeiro projecto do abasteeimento e canalisação das aguas em Coimbra.

Se consultarmos a historia moderna dos municipios da Mealhada e de Figueiró dos Vinhos lá encontraremos melhoramentos devidos á dedicação e patriotismo do sr. dr. Costa Simões.

Em tres legislaturas, 1868 e 1870 honrou s. ex.ª o mandato popular, sendo eleito deputado pelo circulo de Figueiró dos Vinhos N'uma destas legislaturas foi eleito vice presidente, funcções que desempenhou por varias vezes com o louvor de ambos os lados da camara Tambem foi par do reino, eleito pelos collegios scientificos.

É muito numerosa e de subido valor litterario e scientifico a bibliographia do actual prelado da Universidade. Em o nosso acanhado meio de publicidade, onde se produz tão pouco importando-se quasi toda a sciencia do estrangeiro, o sr. dr. Costa Simões é um raro exemplo a protestar contra a indolencia indigena.

Eis os seus principaes trabalhos: *Enterramentos em Coimbra; Cemiterios de Coimbra; Grutas de Condeixa; Gravidez extra uterina de dezaseis annos; Chimica legal; Experiencias de physiologia; Historia do Mosteiro de Vacariça e da cerca do Bussaco; Relatorio da Direcção do Hospital de Choletricos em Coimbra, 1856; Relatorio da gerencia Municipal de Coimbra, nos dois annos de 1856 1857; Noticia dos Banhos de Luso, 1859; Topographia Medica das Cinco Villas e Arega, 1860; Elementos de physiologia humana com a histologia correspondente* (com 316 gravuras). *3 vol., 1861 1864; Relatorios d'uma viagem scientifica, 1866; Reforma da Faculdade de Medicina, 1866; Hospitaes da Universidade de Coimbra, projecto de reconstrucção do Hospital do Collegio das Artes (com 14 estampas), 1869; Programma da cadeira de histologia e de physiologia geral da Universidade de Coimbra, e catalogo de collecção de preparações microscopicas e dos apparelhos de physiologia experiminental (com 92 gravuras originaes), 1873; Projecto dos regulamentos internos dos Hospitaes da Universidade de Coimbra, 1873; Rectificação do projecto dos regulamentos internos dos Hospitaes da Universidade de Coimbra, 1877; Histologia e Physiologia geral dos musculos, t. 1.º (com 90 gravuras originaes) 1878; O Ensino pratico na Faculdade de Medicina (com 3 estampas), 1881; Reforma da Faculdade de Medicina. Oração de Sapiencia, 1881; Noticia historica dos Hospitaes da Universidade de Coimbra (com 4 estampas), 1882; As dietas dos Hospitaes, 1882; Annotações aos regulamentos internos dos hospitaes da Universidade, 1882; Hospitaes districtaes. Plantas, 1883; Projecto de reforma do compromisso da Misericordia do Porto, 1883; Projecto dos regulamentos internos do hospital de Santo Antonio da Misericordia do Porto, 1883; O hospital de Santo Antonio da Misericordia do Porto (com 4 estampas), 1883; Um dos projectos de hospitaes districtaes, com applicação ao hospital da Misericordia do Porto (com 3 estampas), 1884; A justa defeza d'uma aggressão injusta, 1884; A refutação d'um voto em separado, 1884; A grande penuria dos hospitaes da Universidade, 1884; O registrador Chauveau, do laboratorio de physiologia experimental de Coimbra (com 1 estampa), 1885; As obras dos hospitaes da Universidade de Coimbra, aggressões e defeza, o voto auctorisado d'um engenheiro distincto, 1885; A refutação da Carta, A camara d'Aveiro, 1885. A interpellação na camara dos pares, Em additamento, o relatorio de Syndicancia de 1872, 1885; A penuria progressiva dos hospitaes da Universidade de Coimbra, 1885; As prepotencias de Coimbra, no conflicto — A carne d'Aveiro, 1885; Gravidez extra-uterina de quarenta e tres annos (com 3 estampas), 1885; Noticia Biographica de Augusto Lopes da Costa Rego, 1885; A minha administração dos hospitaes da Universidade, Uma gerencia de 15 annos sob a reforma de* 1870, 1888; *Os esgotos nas cidades e nos hospitaes (resumida apreciação dos principaes systemas), com applicação aos hospitaes da Universidade,* 1889; *Abastecimento das Aguas em Coimbra (resumida historia d'este melhoramento) com applicação aos hospitaes da Universidade.* 1889; *Construcções hospitalares (noções geraes e projectos com* 10 *estampas*), 1890.

(Continúa.)

DR. CARLOS ZEFERINO PINTO COELHO

Tem setenta e tres annos e ninguem lhe póde chamar velho.

Porque a sua actividade como homem publico, dirigindo um partido numeroso e de severas tradições historicas, ainda se distribue presidindo ás assembleas do Banco de Portugal, da Companhia de Credito, trabalhando como vogal nos conselhos Penitenciario e de Agricultura, dirigindo a Companhia das Aguas de Lisboa. . e ainda lhe sobejam algumas horas para o *diletantismo* de presidir á direcção do Club Tauromachico Portuguez.

E' hoje o mais notavel advogado de Lisboa.

Como orador é um dos mais eloquentes, a fluencia da phrase corre parelhas com a auctoridade dos conceitos, o gesto e a sympathica phisionomia sublinham lhe vigorosamente a palavra sonora, estridente algumas vezes, suave, convincente, insinuante quasi sempre; o olhar, fuzilador nas retaliações, é cariciador, meigo, na defeza dos oprimidos. E' no discurso, principalmente na peroração, que a sua cabeça de neve se illumina de scintillações como a phosphorescencia dos mares tropicaes. Quem nunca ouviu fallar o dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho nunca poderá admiral-o no seu verdadeiro quilate.

Além d'isso é repentista, basta ouvil-o para o reconhecer. Estuda as questões, nunca estuda um discurso.

Ha alguns annos em um celebre processo que alarmou Lisboa. um militar era accusado de haver disparado tiros de revolver sobre um homem.

Pinto Coelho era advogado do reu.

O accusador, para estabelecer a premeditação, procurou recursos na citação dos mais respeitados criminalistas. onde pelo espaço havido de tiro a tiro se evidenciava a premeditação.

Pinto Coelho com um sorriso benevolo ia animando o accusador nas suas numerosas citações. Quando porem o seu adversario terminou o longo discurso e coube a vez ao dr. Pinto Coelho, a replica foi concisa, rapida como um bote do florete limitou-se a estas palavras:

— «Cansou-se o illustre promotor, a citar e ler tantos auctores, mas esqueceu-se de citar e ler as datas em que elles escreveram isso. Tenho-as aqui. São todas do tempo em que se carregavam as espingardas e pistolas com buchas e varetas e não custava por isso a admittir a premeditação; um revolver, por um movimento nervoso, por um descuido, se descarrega.»

*

* *

Escavemos um pouco do passado.

Pinto Coelho quando cursou a Universidade de Coimbra, nos annos de 1839 a 1843 obteve sempre premio em todos os annos da formatura começando a advogar em Lisboa no anno de 1846.

Percorreu toda a escala da magistratura, desde juiz de fóra e corregedor, em Beja, até desembargador.

Teve assento nas camaras legislativas desde 1857 a 1866, tendo representado durante estes annos os povos de Braga, Guimarães e Povoa de Lanhoso.

Como deputado foi sempre orador muito energico e corajoso, temos á mão o *Diario* da sessão da camara dos senhores deputados, do anno de 1862, em que se accusava a existencia da reacção no paiz, Pinto Coelho levanta a luva d'este modo, vigoroso sim, mas eloquente e logico:

«Sim, senhores, existe a reacção.

«(Vozes: *Oiçam, oiçam*...)

«Oiçam, sim senhores, oiçam! Existe a reação religiosa contra a acção irreligiosa do governo.

«Existe, porque não podia, nem devia deixar de existir.

«Pois que? Ha de o governo ter direito de hostilisar de mil modos, de mil maneiras a acção religiosa de verdadeiros catholicos; cercear-lhes o culto; difficultar-lhe os exercicios e praticas religiosas; calumniar-lhes as intenções; envenenar-lhes as mais innocentes aspirações: e não havemos de nós ter direito de reagir contra essas tendencias altamente irreligiosas, que constituem, quasi que exclusivamente, o programma do governo?!

«Havemos de nós vêl-o subir ao poder em nome d'essas tendencias reprovadas; alliar-se publica e solemnemente com essa revolução, feita, na Italia, á sombra das opiniões hereticas de Massini, Cavour e Garibaldi; propôr e sustentar n'esta casa, e de accordo com aquellas doutrinas italianissimas, a necessidade de varrer de toda a instituição de caridade, de todo o ensino publico, official ou não, a idéa e caracter religioso: e havemos nós de assistir immoveis e indefesos, a esta longa e calculada suphismação dos deveres religiosos do governo?

«Não o hão de conseguir nunca.

«Reagimos; e havemos de reagir sempre.

«Reagimos com pleno direito e em cumprimento de deveres rigorosos.

«Reagimos, e havemos de reagir sempre, e por tão variados meios, quantos forem aquelles, por que o governo vier atacar-nos, ou offender-nos na nossa crença.»

A propria *Revolução de Setembro*, quando dirigida pelo athleta do jornalismo, Rodrigues de Sampaio, dizia de Pinto Coelho:

«Notámos sempre nas palavras do illustre orador o accento de uma convicção profunda que não podemos deixar de respeitar, e no nervo da logica, na força da argumentação, vemos a robustez de uma intelligencia que não nos cansaremos de admirar.»

E na verdade é tão brilhante, de uma luz tão viva, aquella formosa intelligencia, que até nos documentos officiaes, nos relatorios, scintilla o espirito de Pinto Coelho tornando interessantes as suas paginas, tentadora a sua leitura.

Com respeito ao encanamento do Alviella pela *Companhia das Aguas de Lisboa*, de que é director Pinto Coelho, melhoramento que se deve principalmente a elle e que dotou Lisboa com uma qualidade attrahente que ainda não possue a capital da França, considerada por alguns a capital do mundo intellectual, — lemos n'um relatorio do nosso biographado, respondendo á accusação que lhe faziam de haver pouca agua em Lisboa:

«Agua temos nós, e relativamente abundante. O que não temos é quem a queira, e por isso a deitamos ao Tejo.

«E porque? Porque estão todos no habito de não querer agua.

«Argumenta-se que não é tanto por odio á agua, como por economia; porque nem a camara nem os particulares a pagavam d'antes, e hoje, se a quizerem hão de pagal-a.»

«Mas isto tambem não é exacto... A agua gratuita é hoje mais do dobro do que era d'antes.»

E com dados officiaes passa a demonstrar que a Camara Municipal de Lisboa dispende seis contos com o que lhe custava dezeseis! e o que aos particulares lhe custava quatrocentos e cin-

— Seguem a minha politica.

— Mas... o facto de se terem ligado com familias liberaes...

— Na minha familia, redarguiu Pinto Coelho, as senhoras ou não se mettem em politica, ou seguem a dos maridos.

Assim é o seu caracter, á antiga portugueza, *antes quebrar do que torcer.*

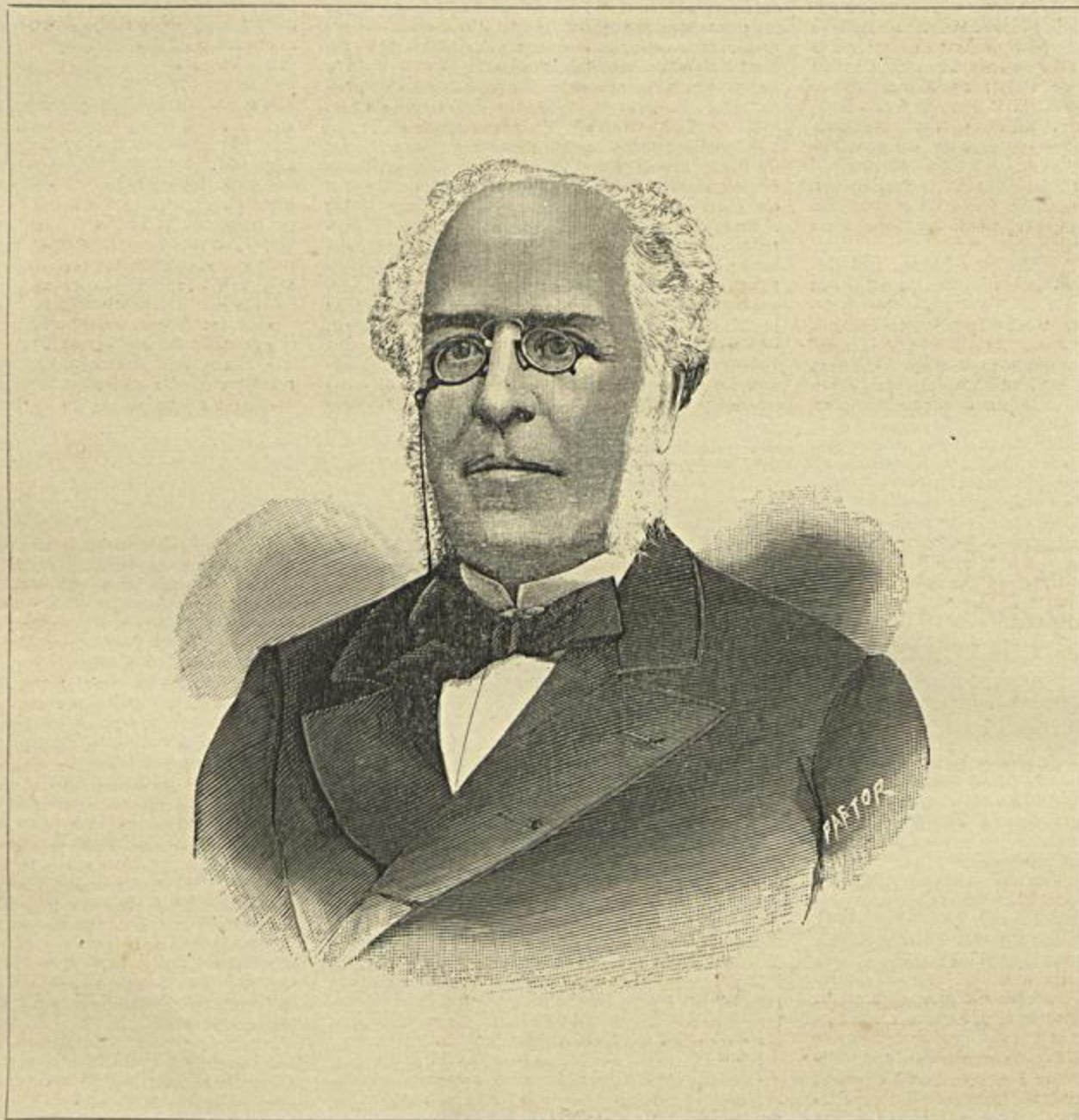
Ultimamente no congresso juridico que se realisou em Madrid teve Pinto Coelho as maiores demonstrações de estima sendo nomeado seu presidente-honorario.

Esta assembleia é presidida pela maior auctoridade das Hespanhas depois do rei.

panha, Portugal e os Estados Ibero-Americanos. Fórma de tornar efficaz esta arbitragem.

«2.º — Meios de tornar efficazes em Hispanha, Portugal e Republicas ibero-americanas as obrigações civis contrahidas em qualquer d'estes paizes, as diligencias e meios de prova e as resoluções dos tribunaes de justiça d'estes paizes, tanto no fôro civil, como no fôro criminal.

«3.º — Bases para uma legislação internacional commum aos citados paizes sobre a propriedade litteraria, artistica e industrial.

«4.º — Abordagens e auxilios no alto mar aos navios das differentes nações representadas no congresso. Legislação, competencia e processos

DR. CARLOS ZEFERINO PINTO COELHO

(Segundo uma photographia)

coenta e nove contos lhe passa a custar *cincoenta e tres!!!*

* * *

E' actualmente, o sr. dr. Pinto Coelho, chefe do partido legitimista nomeado pelo principe exilado o senhor Dom Miguel.

Quando na inauguração do encanamento das aguas do Alviella para Lisboa lhe foi offerecido um titulo respondeu simples e dignamente:

— Sou legitimista.

Pediram-lhe que acceitasse ao menos uma condecoração; resposta immediata:

— Sou legitimista.

Instaram ainda:

— Então para algum de seus filhos.

Tudo que nas Americas portugueza e hispanhola ha de notavel ali tem assento.

Foi a *Real Academia de Jurisprudencia* que organisou o congresso onde tanto brilhou o dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho.

Já depois de approvado o programma da discussão no congresso o deputado hispanhol Pedregal representante da Universidade de Oviedo, apresentou a esta assemblea uma proposta versando sobre o *matrimonio e o divorcio no direito internacional privado.* E para que se avalie bem o valor dos homens que ali estiveram e os assumptos de sciencia que ali se trataram, vamos dar os quatro themas que foram discutidos:

«1.º — Bases, conveniencia e alcance da arbitragem internacional para resolver as questões que surjam ou que estão pendentes entre a Hispara tornar effectivas as consequencias d'esses factos.»

E para que o sr. dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho tivesse obtido as vivas demonstrações de apreço, n'uma assemblea de homens de sciencia que tratava de assumptos de tal magnitude, que basta a simples exposição para se aferir o altissimo valor d'essa mesma assemblea — é porque elle chegou á craveira dos homens, que, sendo honra da sua patria, são tambem objecto de veneração dos povos estrangeiros.

Os applausos dos hispanhoes a Pinto Coelho são dirigidos a Portugal e nós, portuguezes, sentindo no coração esses applausos não podemos deixar de levantar nos escudos um nome que é honra de Portugal.

Manoel Barradas.

ARTE DA GUERRA

CARRETAS COURAÇADAS — CARRETA EM CONDUCÇÃO

AS NOSSAS GRAVURAS

ARTE DA GUERRA

CARRETAS COURAÇADAS

A nova machina de guerra cujas gravuras damos, foi chamada por alguns a *bateria da paz*. Tão terriveis são os seus effeitos e tão completa a irresponsabilidade de quem os produz.

Entre as variadissimas applicações que da moderna industria militar se tem feito na arte da guerra, uma das mais recentes e completamente nova, é a das cupolas portateis ou carretas couraçadas para entrincheiramentos de campanha, construidas pela grande fabrica allemã de Gruson, em Magdeburgo.

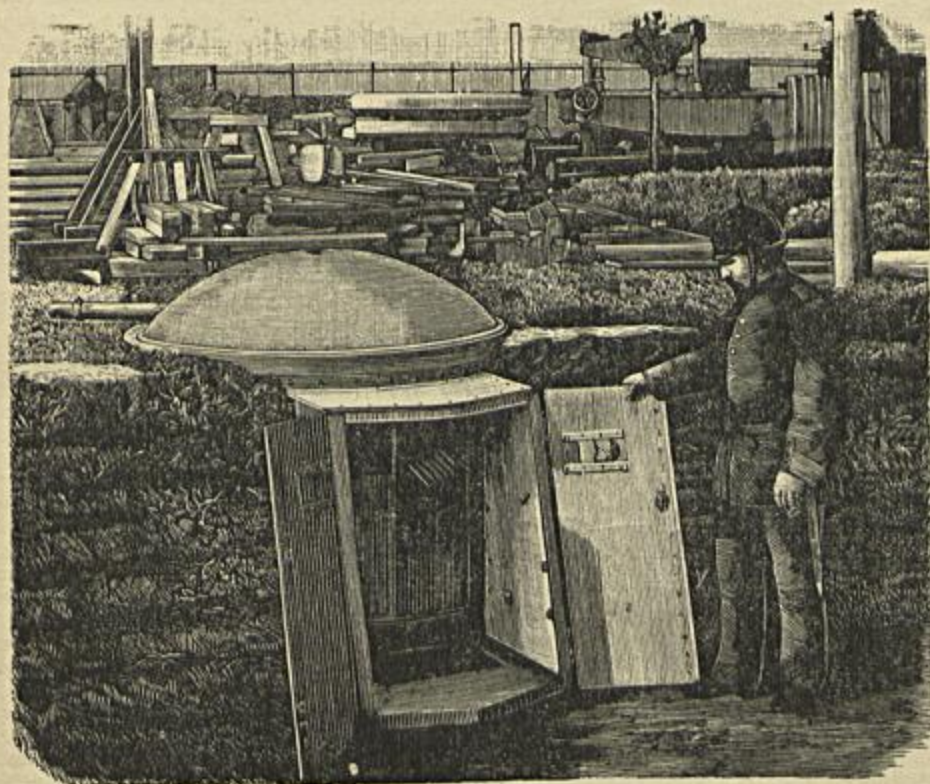
A lucta titanica que desde muitos annos sustenta a couraça e o canhão, empenhada primeiramente entre a artilheria de terra e os navios, estendeu se bem depressa ás fortificações de terra com mais empenho e maior tenacidade. Nos polygonos de tiro de França, Inglaterra e Allemanha tem-se succedido umas ás outras interessantes experiencias, e se em umas ficavam derrotadas as grossas chapas de blindagem, em outras acudiam os constructores vencidos com as modificações importantes, não só relativamente á grossura das placas que haviam de ser submettidas ás provas, como tambem aos processos da fabricação d'ellas. O aço e o ferro forjado sustinham reciprocamente renhidas pelejas e a cada triumpho d'um dos combatentes seguia se uma decepção para os que, mais incautos ou menos avisados, haviam julgado resolvido o problema e dita a ultima palavra sobre o assumpto.

Ao engenheiro allemão Schumann, fallecido em setembro do anno passado, deve a *defeza* uteis inventos com que póde compensar o effeito destruidor do *ataque:* quando pessoa alguma pensava em que as couraças pudessem servir para mais do que resguardar os costados das embarcações, elle, adeantando-se á sua epoca e advinhando os progressos que havia de realisar a artilheria de terra, projectou a sua casa-mata, casamata conhecida por todos os engenheiros, e ultimamente inventou carretas couraçadas, como se chamam na Allemanha, ou as cupolas portateis, nome por que são conhecidas em França, e que são objecto d'esta noticia.

Construidas pela casa Gruson, foram ensaiadas com magnifico resultado nas grandes manobras de outomno, pelo exercito allemão; montam canhões de tiro rapido de 37 ou 53 milimetros de calibre, protegidos por uma torre cylindrica, tapada na parte interior por um friso metallico e provida d'uma porta de entrada; um tecto de aço, movel em torno d'um eixo, completa o conjuncto.

Para fazer a pontaria, entra o artilheiro encarregado d'effectual-a, senta-se n'uma pequena cadeira que vai dentro da cupola e por meio d'um torno duplo e valendo-se do movimento de rotação que póde imprimir ao mechanismo, dirige as alças convenientemente, tanto em direcção como em altura. Verificada a descarga effectua meia rotação e voltando de posição na cadeira, observa o terreno exterior, tanto para dirigir o fogo d'onde melhor convenha, como para subtrahir a peça aos projecteis inimigos que podiam atacal-a de frente.

O canhão cujo recúo está anullado por completo, vai convenientemente unido ao tecto, e para o transporte d'estes elementos de guerra são collocados em carros especiaes apropriados para o effeito e que são tirados por cavallos.

Logo que chegam as cupolas ao seu destino, são tiradas do carro e collocadas onde convenha, rodeando-as d'um montão de terra de maneira que fique tão sómente livre a porta de entrada e o tecto, no qual ha uma pequena janella por onde entra a luz.

CARRETAS COURAÇADAS — CUPULA INSTALADA

Peza o canhão 37 kilos, e o carro 1.500, lança o primeiro duas classes de projecteis, a bala ordinaria de 450 grammas e os projecteis de metralha que contém 21 balas de chumbo endurecido. Em um e outro a rapidez do tiro é de 35 a 40 descargas por minuto, suppondo 3.200 projecteis em tão curto tempo, é dizer, mais do que poderiam disparar 150 homens no mesmo tempo.

A espessura da couraça foi determinada de tal maneira que protege não sómente contra as balas de espingarda *sharpnels* e cascos de granada, como tambem poderá resistir ao effeito prefurante dos projecteis das peças de campanha e ainda mesmo a um morteiro de campanha de 15 centimetros.

Como toda a ideia verdadeiramente nova, tem tido as cupolas moveis, terriveis adversarios; e, se nas manobras verificadas na Prussia foram ensaiadas, deve-se quasi exclusivamente á vontade do imperador que menos apaixonado pela rotina do que alguns dos seus generaes, julgou opportuno levar para o campo da pratica o que até então não havia passado do da theoria; posto que apezar de já estarem construidas não se haviam ensaiado sobre o campo de batalha.

Tacticamente, o papel que tem a representar é de importancia capital: não sómente podem ser um auxiliar poderoso das baterias protegendo-as contra uma surpreza, bem como que na defensiva o seu emprego será altamente vantajoso e sobretudo em nações que, como a Allemanha, podem ver-se no caso de combater em duas fronteiras bastante separadas entre si, para poder suster a offensiva em ambas, e, por conseguinte que necessite tomar a defensiva em uma d'ellas n'um periodo de tempo mais ou menos dilatado.

Está dado o primeiro passo, mas ainda resta bastante a fazer. Poderá ser que, mal conduzido o pensamento do illustre engenheiro allemão, não cheguem a adquirir estas machinas de guerra to do o valor que promettem, ou que seguindo a arte militar novos trilhos, deixe no esquecimento este invento; e se o olvido sobre elle cahir não será certamente por ser uma ideia desconcertada, como o são tantas outras que, sem o menor embargo abrem caminho, entre as que constantemente brotam do cerebro humano.

CENTENARIO DA DESCOBERTA DA AMERICA POR CHRISTOVAO COLOMBO

AS CARAVELLAS «NIÑA» E «PINTA»

A pag. 188 do presente volume publicámos uma gravura representando a caravella *Santa Maria* construida em Carraca por couta do governo hespanhol. Hoje publicamos em gravura as caravellas *Niña* e *Pinta*, acabadas de construir em Barcelona, por conta do governo dos Estados Unidos da America do Norte.

Estas caravellas semelhantes á *Santa Maria*, foram feitas segundo os mais auctorisados documentos da epoca.

A sua tripulação compõe se de um capitão, um tenente e oito marinheiros, todos norte-americanos. O andamento d'estes navios é de 9 milhas em condições favoraveis de tempo, porém nas aguas do Cabo de Gata apenas deitaram 5 milhas recintindo-se bastante da agitação do mar.

As caravellas *Niña* e *Pinta* vieram ao porto de Huelva tomar parte na festa maritima e commemorativa da partida de Christovão Colombo, e vão seguir para America, rebocadas por um vapor, visitando os portos de Havana e New York antes de chegarem a Chicago.

As tres caravellas *Santa Maria*, *Niña* e *Pinta* compõem a esquadrilha com que Christovão Colombo foi á descoberta ou reconhecimento da America.

OS AUTOGRAPHOS DE CHRISTOVAM COLOMBO

XXVI

(Continuado do n.º antecedente)

Carta de Christovão Colombo aos reis catholicos, ácerca da povoação e negociações da *Española* (Haiti) e de outras ilhas descobertas e por descobrir.

Mui altos e poderosos Señores: Obedeciendo lo que Vuestras Altezas me mandaron, diré lo que me ocurre para la poblacion y negociacion, asi de la Isla Española, como de las otras, asi halladas como por hallar, sometiendo-me á mejor parescer.

Primeramente, para en lo de la Isla Española que vayan hasta el numero de dos mil vecinos, los que quisieren ir, porque la tierra está más segura y se puede mejor grangear é tratar, y servirá para que se pueden rebolber y tratar las islas comarcanas.

Iten, que en la dicha isla se hajan tres ó quatro pueblos é repartidos en los lugares más convenibles, e los vicinos que allá fueren, sean repartidos por los dichos lugares y pueblos.

Iten, que, porque mejor y más presto se pueble la dicha isla, que ninguno tenga faculdad para cojer oro en ella, salvo los que tomaren vecindad é hacieren cosas para su morada en la poblacion que estovieren, porque vivan juntamente y más seguros.

Iten, que en cada lugar é poblacion haya su alcalde ó alcaldes con su escribano del pueblo, segun uso e costumbre de Castilla.

Iten, que haya iglesia y abades, ó frayles, para administracion de los cultos divinos y para conversion de los indios.

Iten, que ninguno de los vezinos pueda ir cojer oro, salvo con licencia del gobernador ó alcalde del lugar donde boviere e que primero hagan juramento de volver al mismo lugar donde saliere á registar fielmente todo el oro que oviere cogido y avido, y de volver una vez en el mes ó en la semana, segun el tiempo le fuere asignado, á dar cuenta e manifestar la cantidad del dicho oro, é que se escriba por el escribano del pueblo per ante el alcalde, y sé paresciere, que haya asi mismo un frayle ó abade deputado para ello.

Iten, que todo el oro que ansi se traxere se aya luego de fundir y marcar de alguna marca que cada pueblo señalare, y que se pese y se dé y se entregue a cada alcalde en su lugar, la parte que pertenciere a V. Altezas, y se escriba por el dicho abade ó frayle de manera que no pase por una solo mano y ansi no se pueda selar la verdad.

Iten, que todo el oro que se hallare sin la marca de los dichos pueblos en poder de los que ovieren una vez registrado por la orden susodicha le sea tomado por perdido, é haya una parte el acusador y outra para V. Altezas.

Iten, que de todo el oro que oviere, se saque uno por ciento para lo fabrico de las iglesias y ornamientos dellas é para sustentacion de los abades ó frayles dellas; y si paresciere que á los alcaldes y escribanos se dé algo per su trabajo y per que hajan fielmente sus officios, que se remita al gobernador y tezourero que allá fueren por V. Altezas

Iten, quanto toca á la division del oro é de la parte que ovieren de aver V. Altezas, esto, a mi ver, deve ser remitido á los dichos gobernador e thesorero. porque averá ser más ó menos segun la cantidad del oro que se hallare; ó si paresciere, que por tiempo de un año ayan V. Altezas de la mitad y los cogedores la otra mitad, pra despues mojor determinar-se cerca del dicho repartimiento.

Iten, que si los dichos alcaldes y escribanos hacieren ó concentierem algun fraude, se le ponga pena, é asimismo a los vecinos que por entero non manifestaren todo el oro que ovieren.

Iten, que en la dicha isla haya thesourero que reciva todo el oro pertenesciente a V. Altezas y tenga su escribano, que le assiente e los alcaldes y escrivano de los otros pueblos, cada uno tome conoscimiento de lo que entregaren al dicho thesorero.

Iten, porque segun la codicia del oro, cada uno querrá más ocupar-se en ello, que en hacer otros grangerios, paresceme que alguna temporada del año se le devá defender la licencia de ir á buscar oro, para que haya lugar que se hagan en la dicha isla otros grangerios á ellas pertenescientes

Iten, para en lo de descobrir de nuevas tierras, paresceme se deva dar licencia a todos los que quisieren ir, y alargar la mano en lo del quinto, moderandolo en alguna buena manera, á fin de que muchos se dispongan a ir.

Ahora diré mi parescer para la yda de los navios a la dita isla Española, é la orden que se deva guardar, que és lo seguiente:

Que non puedan ir los dichos navios a descargar, salvo en uno o dos puertos para ello señelados, y onde registren todo lo que llevaren ó descargaren; y cuando ovieren de partir, sea de los mismos puertos é registren todo lo que cargaren, porque no se encubra cosa alguna.

Iten, que cerca del oro que se oviere de traer de las islas para Castilla, que todo lo que se oviere de cargar, asi lo que fuere de V. Altezas como de cualesquiere personas, todo ello se ponga en una arca que tenga duas cerraduras con sus llaves y quel maestro tenga la una, y otra presona quel gobernador y tesorero escogeren la otra; é venga por testimonio la relacion de todo lo que se pusiere en la dicha arca, é señalado, para que cada uno aya lo suyo; y si otro oro alguno se hallare fuera de la dicha arca en cualquiere manera, poco ó mucho, sea perdido, a fin que se haja fielmente y sea para V. Altezas.

Iten, que todos los navios que vinieren de la dicha isla vengan á hacer su derecha descarga al puerto de Cadiz, y no salga presona dellos ni entren otros hasta que vayan á los dichos navios la presona ó presonas que para ello por V. Altezas fueren deputadas en la dicha cibdad, á quien los maestros manifiesten todo lo que traen y muestren la fe de lo que ovieren cargado, para que se pueda ver é requerir si los dichos navios traen cosa alguma encubierta é non manifestada al tiempo del cargar.

Iten, que en presencia de la justicia de la dicha cibdad de Cadiz e de quien fuere para ella deputado por V. Altezas, se aya de abrir el arca en que se traxere el dicho oro, y dar á cada uno lo suyo — Vuestras Altezas me ayan por encommendado, y quedo rogando á Nuestro Señor Dios por las vidas de V. Altezas e acrescentamiento de muy mayores estados.

(Sem data)

S
S A S
X M Y
Xpo FERENS.

É de suppor que o almirante escrevesse esta carta aos Reis Catholicos logo depois de 11 de maio de 1496, data do seu regresso da segunda viagem á ilha Espaniola, em vista da cedula dos ditos reis expedida em Burgos em 23 de abril do seguinte anno, facultando a Colombo as medidas que este lhe havia exposto na referida carta.

A Espaniola foi descoberta por Christovão Colombo no dia 6 de dezembro de 1492 na sua primeira viagem ao novo mundo. É uma das mais ricas da America, quasi toda rodeada de rochedos e de escolhos muito perigosos. Numerosos rios a sulcam. Os hespanhoes fundaram ali, em 1495, um estabelecimento denominando a *ilha de S. Domingos*. Foi este o primeiro estabelecimento europeu na America. Em 1802 pela guerra da independencia, com a França, a ilha tomou o nome de *Haiti*. Em 1820 tornou-se estado republicano.

O Haiti é uma das quatro grandes Antilhas e a mais rica e consideravel depois de Cuba.

XXVII

Carta de Christovão Colombo aos Reis Catholicos expondo-lhes algumas observações sobre a arte de navegar.

Muy altos e mui poderosos Reyes y Señores.

Yo queria ser cabsa de plascer y holgura a V. A., que no de pesadumbre y hastio; mas como se la afizion y deleite que tienem á las cosas nuevas y d'algun interesse dire de unas y otras, compliendo con su mandamiento, aquello que agora me venga á la memoria; y cierto non julguem dellas por el desaliño mas por la intenzion y buen deseo, yo que en todo lo que fuere del servizio de V. A. non he de depender de ningun otro lo que yo sé hazer por mi mismo, que si me faltaren las fuerzas y las fadigas me rendieren non desfalecerá en mi anima la voluntad cum el más obligado y debendor que soy.

Los navegantes y otras gentes que tracton de lo mar, tienen siempre mayor conoscimiento de las partidas particulares del mundo donde usan y fazen sus contractaciones más continuo, y por este cada uno destos sabe mejor de lo que vee cada dia, que no le otro que vienne de años ha años: y asi rescebimos con delectacion la relazion quellos mesmos nos fazen de lo que vieron y collejieron, como cierto allegamos más grand enseñanza de aquello que desprendemos por nuestra propia espirenzia.

Si reconozemos el mundo ser espérico, segun el sentir de muchos escritores que ansi lo afirman, ó que la ciencia nos faga asentar otra cosa con su autoridad, ne se deve entender que la tenplança sea igual en un clima, porque la diversidad es grande asi en lo mar com en la tierra.

El sol siembra su influenzia y la tierra lo rescibe segun las concavidades ó montañas que son formadas en ella, y bien que harto hayan scripto los antiguos sobre esto, asi como Plinio que dize que debaxo del norte ay tan suave tenplanza, que la gente que alli está jamás se mucre, salvo por enfadamiento o aborrimiento de vida, que se depeñam y voluntariamente se matan.

Nos vemos aqui en España tanta diversidad de

tenplanza que non és menester el testemonio sobre este de ninguna antiguidade del mundo; vemos aqui en Granada la sierra cubierta de nieve todo el año qués señal de gran frio, y al pie desta sierra en las Alpujarras donde és siempre suavisima tenplanza sin demaciado calor ni frio, y asi como és en esta provinzia es en otras hartas en España que se deja de dezir por la prolixidad dellas. Digo que en lo mar acaesze otro tanto y en espezial en las comarcas de las tierras, y disto es en mayor conoszimiento los que continuo alli tractan, que no los otros que tractan en otras partes.

En el verano, en l'Andaluzia por mui cierto se tiene cada dia despoes de ser el sol altillo, la virazon, ques viento que sale del poniente, esta viene mui suave y dura hasta la tarde; asi com esta virazon, continúa en aquel tiempo en esta region, ansi continúa otros vientos en otras partes y en otras regiones diferentes el verano y el invierno. Los ques andan continuo de Cadiz á Napoles ya saben quando pasan por la costa de Catalunia, segun la sason, el viento que han de hallar en ella y asimismo cuando pasan por el golfo de Narbona. Estos que han de ir de Cadiz á Napoles, si és tiempo de invierno, van á vista de cabo de Creo, en Catalunia, por el golfo de Narbona; entonzes vienta mui rezio y las vezes los naos conviene le obedezcan y corran por fuerza hasta Berneria y por esto van en el cabo Creo por sustener mas la bolina y cobrar las Pomegas de Marsella, ó las islas de Eres, y despues jámás se desabarçar de la costa hasta llegar donde quière. Si de Cadiz ovieren de ir a Napoles en tiempo de verano navegan por la costa de Berneria hasta Cerdena ansi como está dicho de la otra costa de tramotana.

Para estas navigaziones hay hombres señalados, que se han dado tanto a ellas que conoszen todos estes caminos y qué temporales pueden esperar, segundo la sazon del año en que fueren. Vulgarmente a estos tales llamamos pilotos, que és tanto como en la tierra adalid; que bien que uno sepa muy bien el camino daqui a Fuenterabia para llevar una hueste, no lo sabe d'aqui á Lisbona. Esto mísmo acaesze en lo mar, que uns son pilotos de Flandres y otros de Levante, cada uno de la tierra donde más usa.

El tracto y transito d'España á Flandres mucho se continua grandes marineros ay que andan a este uso. En Flandres en el mez de Enero estan todas las naos despachadas para volver á sus tierras, y en este mez, de raro sale que no haya algunos estirones de brisa que lernordeste y nornordeste. Estos vientos, a este tiempo, no viene amorosos, salvo salvages y frios y fasta peligrosos: la distancia del sol y la calidad de la tierra son cabsa que se enjendre esto. Estas brisas no son estabiles, bien que asi no yerren el tiempo: los que navegan con ellas son personas que se ponen á ventura y lo más de las veces llegan con la mano en los cabellos. A estes, si la brisa les falta y les haze fuerza otro viento ponense en los puertos de Franzia, o Ingalterra, hasta que venga otra marea que puedon salir de los puertos.

La gente de la mar es cobdiziosa de dineros y de volver á su casa y todo lo aventuran sin esperar a ver quel tiempo sea firme.

Cativo como estaba en cama, en otra ocazion dixe a V. Altezas lo que pude de mayor seguridad desta navegazione, que era despues de ser el sol en Taurro, y renegar de fazer esta partida en la fuerza y más peligroso de invierno. Si los vientos ayudan muy certo és el transito y non se debe de partir hasta tener buena certeza del viage; y de la se puede julgar dello, quel cuando se vière estar el cielo muy claro y salir el viento de la estrella de la tramotana y durar alguns dias, siempre en aquella alegria. Saben bien V. Altezas lo que aconteszio el año de noventa y siete, cuando estaban en Burgos en tal congoxa. Por quel tiempo perseveraba crudo y se sucedian los estirones, que de enfadados se iban á Soria; y partida toda la corté un sabado quedaron V. Altezas para partir lunes de mañana; y á un ciérto proposito en aquella noche en un escrito mio que envié a V. Alteza dezia: tal dia comenzó a ventar tal viento; el otro dia no partirá la flota, aguardando si el viento se afirma; partirá el miercoles y el jueves ó viernes será tan avant como la isla de Huict, y sino se meten en ella serán en Laredo el lunes que viene, ó la razon de la maríneria és toda perdida.

Este escripto mio con el deseo de la venida de la Prinzesa, movió a V. Alteza a mudar de proposito de no ir á Soria y espirmentar la opinion del marinero; y el lunes remaneszio sobre Laredo una nao que refusó de entrar en Huit, porque tenia pocos bastimentos.

Muchos son los juizios y fueron siempre en lo mar y en la tiérra en semejantes casos, y agora han de ser muchos los que hayan de navegar á las islas descobiertas; y si el camino es ya conoszido los que hayan de tractar y contractar, con la perfezion de los istrumentos y el aparejar de las náos, habron mayor conoszimiento de las cosas y de las tierras y de los vientos y de las epocas mas convenibles para sus usos, y nas espirenzia poran la seguridad de sus presonas.

La Sancta Trinidad Guarde a V. Altezas como deseo y menester habemos con todos sus grandes estados y señorios, De Granada a 6 de hebrero de mil e quinientos e dos años.

S
S A S
X M Y
XPO FERENS

A *vinda da princeza*, de que falla o almirante, é a da princeza Margarida, desposada do principe herdeiro D. João, em 3 de abril, com grandes festas. Estavam com effeito a esse tempo os Reis Catholicos em Burgos.

(Continúa.) *Silva Pereira.*

MARIA

Assentada ao pé da janella, cuja cortina, apanhada a um lado, deixava passar os reflexos do sol poente, Maria bordava um cabeção, muito á pressa, receosa de que a noite lhe interrompesse o trabalho.

— Ainda não acabaste? perguntou uma voz fraca e tremula.

— Pouco falta, avózinha, respondeu Maria, dissimulando um leve movimento de impaciencia.

A voz da anciã tomou um tom reprehensivo.

— Fizeste o proposito de adoecer! Bom e justo é que trabalhes, minha filha, mas as cousas querem-se nos seus termos. D'essa maneira estás a dar cabo de ti!

— Não lhe dê isso cuidado, minha avó.

A discussão continuou, mas não foi longa, ficando victoriosa a velhinha, com a ajuda da noite, é claro, que pouco se fez esperar.

Não obstante a sua anciosa actividade, Maria teve que largar o bordado ainda por concluir. Accendeu um candieiro e arrastou para junto da mesa a poltrona em que estava assentada sua avó, para quem continuou a reinar a escuridão.

Havia alguns annos que a pobre senhora estava cega.

*
* *

Avó e neta habitavam em um terceiro andar de um predio arruinado, sito na rua direita da Penha, em Lisboa. O maior luxo d'ellas consistia no esmerado asseio de suas pessoas e da sua modesta mobilia. Viviam apenas do minguado ganho que lhes proporcionava o trabalho de Maria.

Maria recebera uma excellente educação, como convinha a uma menina destinada a ser unica herdeira de um millionario illustrado e bom chefe de familia. Mas os milhões de seu pae desappareceram em desgraçadas operações de bolsa, que tiveram por saldo a morte prematura do capitalista, e a miseria e dor por toda herança.

A infeliz Maria, a quem nunca occorrera que o seu talento e habilidade poderiam algum dia servir-lhe para viver, soffreu com animosa resignação os revezes da fortuna e deu-se ao trabalho com surprehendente energia.

Muito valor lhe foi preciso, com effeito, para supportar as humilhações e desgotos de toda a ordem com que tropeçou a principio.

Quantas vezes, depois de infructiferas diligencias para encontrar trabalho, voltava a casa com os olhos lacrimosos e o coração opprimido!

Que de noites de insomnia passadas em espantosas angustias, d'essas que os ricos desconhecem e atormentam os pobres que buscam em vão os meios de satisfazer as crescentes necessidades de cada dia!

A cegueira da avó não lhe permittia ver o rosto attribulado da neta, a qual, a fim de tranquillizar a boa velhinha, adoptava um tom jovial para convencel-a de que tudo lhe corria ás mil maravilhas.

Para ir buscar e devolver a obra tinha a pobre menina que atravessar meia cidade. As lojas para onde trabalhava eram na rua dos Capellistas, rua do Ouro e Chiado.

Maria andava depressa, vestida sempre de preto, sem levantar os olhos, que o tulle do chapéo velava. Mas o seu lindo rosto, moreno e pallido, e o seu ar distincto, chamavam a attenção dos transeuntes, muitos dos quaes a requebravam ao encontrar-se com ella. Alguns voltavam atrás para seguil-a ou vel-a passar. A miude ella se desviava do passeio e seguia pelo meio da rua para evitar encontros enfadonhos com passeantes e dictos inconvenientes dos caixeiros postados á porta dos estabelecimentos. Mais de uma expressão indecorosa lhe feria os castos ouvidos. Então apressava o passo, sentia chammas no rosto, opprimia-se-lhe o coração e assomavam-lhe aos olhos furtivas lagrimas de indignação e angustia. A pobre menina pensava que n'esta cidade tão populosa não tinha ninguem para protegel-a e fazer respeitar a candida virtude que conservava incolume aos vinte annos.

*
* *

Não reparou Maria em que durante alguns dias fôra seguida por um moço alto, bem parecido, que a acompanhava até a porta de casa, mas sem fazer se notar e conservando-se a respeitosa distancia.

*
* *

O conde de *** era um typo original. Possuidor de grandes haveres, de um nome illustre, de uma sympathica figura, de uma saude de ferro e de grande illustração, tinha-se por infeliz. Sceptico, sem illusões, em nada acreditava, nem sequer no amor nem na virtude. A seu ver, toda a acção boa tinha por mobil o egoismo. Emtanto começava a tornar-se-lhe pesada a vida de solteiro, e desejava casar-se; mas ainda assim só o faria se se lhe deparasse uma mulher que o amasse por suas qualidades pessoaes e não pelos seus titulos e riquezas. Havia já alguns annos que procurava inutilmente, e duvidava de achar o ideal desejado.

*
* *

Uma manhã, ao sahir de casa, encontrou-se Maria na escada com um sujeito que fechava a porta do andar do lado. O desconhecido desceu atrás da menina, passou-lhe adeante no ultimo lanço, descobriu se respeitosamente e afastou-se.

N'aquelle mesmo dia, a mulher do sapateiro que trabalhava na escada, subindo para entregar uma carta a uma vizinha da agua furtada, entrou a ver D. Carlota, a avó de Maria, e começou a falar-lhe com grandes elogios do novo inquilino, sr. Alvaro da Cunha, moço muito sympathico e distincto, empregado em uma casa de commercio.

*
* *

Embora avó e neta vivessem muito retiradas, entabolaram-se certas relações de cortezia entre os vizinhos.

Um domingo, pela noite, o vizinho, que estivera ausente todo o dia, trouxe do campo um magnifico ramo de flores que offereceu a Maria.

Ás vezes, quando a neta de D. Carlota tinha que demorar-se muito, Alvaro passava a fazer companhia á anciã, e distrahia-a com a sua conversação amena e leituras interessantes.

A pouco e pouco o complacente moço conquistou um lugar na intimidade das vizinhas. D. Carlota desfazia se em elogios a Alvaro; e Maria não achava explicação ao grandissimo interesse que elle lhe inspirava.

(Continúa.) *Terencio.*

REVISTA POLITICA

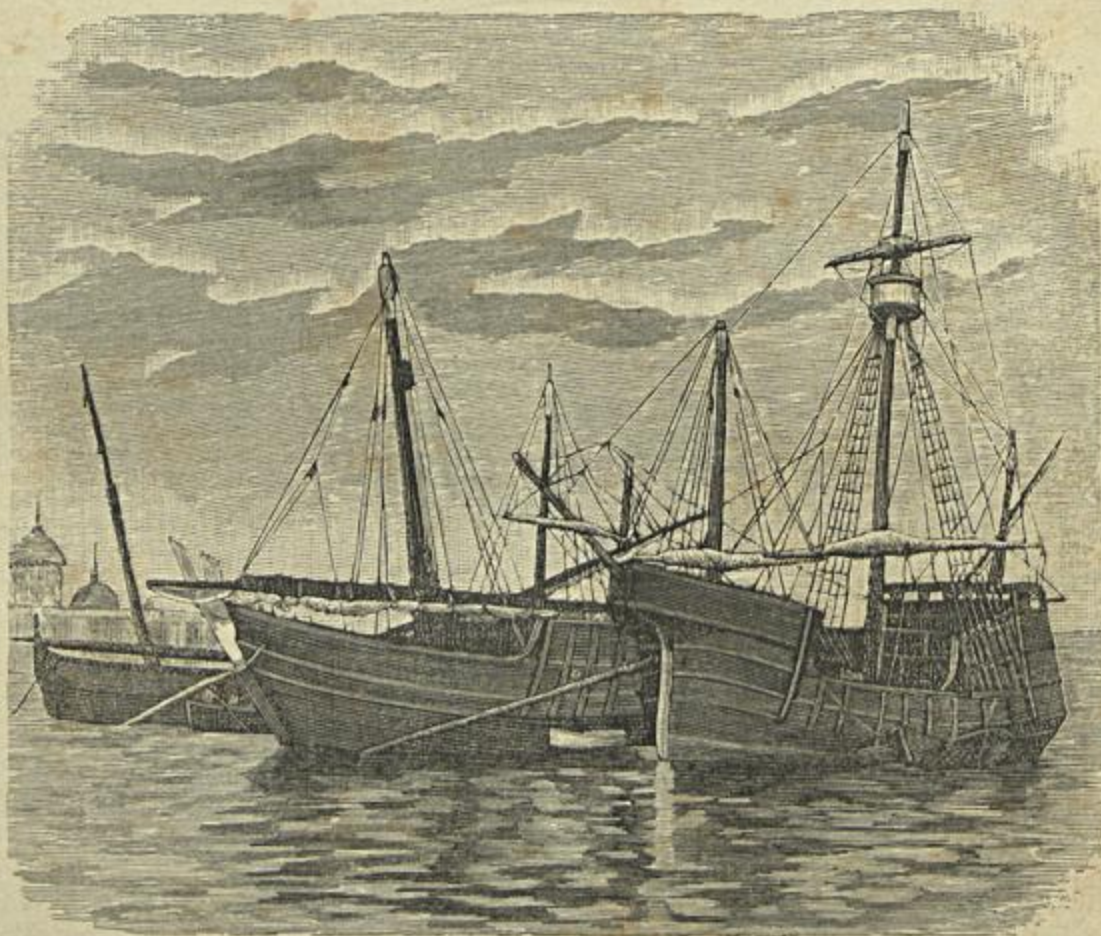
Emquanto se fazem os ultimos commentarios ás ultimas eleições de deputados, apreciando as varias folhas politicas, o maior ou menor grao de illegalidades commettidas junto da urna, distinguindo entre illegalidades commettidas por ignorancia e menos escrupulo, e as commettidas de proposito, por fraude, illudindo as intenções dos eleitores; emquanto os mesmos jornaes pedem indulgencia para os auctores das primeiras e todo o rigor das leis para os auctores das segundas, realisaram-se as eleições municipaes onde se deram tambem peripecias curiosas e se repetiram illegalidades, que restam tambem classificar para descargo de consciencia e não se confundirem innocentes com criminosos. O mais curioso, porém, de tudo isto, é que por fim não se apura coisa nenhuma e a *brandura dos costumes* hade prevalecer deixando em santa paz todos os maus costumes.

As eleições municipaes deram grande maioria ao partido regenerador deixando no tinteiro o partido republicano, que no Porto disputava a minoria.

Quem apanhou a minoria no Porto, foram os regeneradores, vencendo a maioria os progressistas.
Os partidos monarchicos devem estar contentes attenta a feição politica que n'estes ultimos annos se tem dado ás eleições municipaes.
Verdade, verdade, quando a politica se intromette em coisas de mais somenos importancia, não lhe fica mal que se metta na representação municipal e graças lhe sejam dadas pelos effeitos que tem produzido, em que o não menos apreciavel é o de ser já difficil encontrar um municipio que não esteja empenhado até á raiz dos cabellos.
Alguma vantagem se havia de tirar da politica invadir os paços dos concelhos de Lisboa até ao Porto e de Chão de Maçãs até Maçãs de D. Maria.
Uma coisa curiosa temos nós notado e é que á maneira que os municipios se tem empenhado, tem tambem declarado guerra de exterminio aos cães. Isto não passa de uma coincidencia mas não deixa de ser curioso.

Ora este *deficit* é o celebre monstro que tem desafiado todas as capacidades financeiras de Portugal a que deem cabo d'elle, e afinal elle é que tem dado cabo d'ellas.
Entretanto observa-se nas ditas contas que as receitas ordinarias cubriram as despezas ordinarias havendo ainda um saldo a favor de 432.600$ sendo, portanto, o *deficit* nas despezas extraordinarias, o que é um pouco mais animador, porque essas despezas uma vez que são extraordinarias deverão desapparecer em determinado periodo, e podem mesmo soffrer mais facil modificação no sentido de diminuirem.
Que os nossos crédores extrangeiros, que tão impacientes se mostram, se vão consolando com a esperança de que n'um periodo não muito distante, verão os seus creditos satisfeitos e nós teremos a grande satisfação de ver toda a cansoada morta.
Diz-se até que o sr. presidente do conselho tem o seu plano financeiro calculado de modo que no proximo anno economico deverá desapparecer do

strações por parte da Rainha Regente, do governo e do povo hespanhol
No meio dos azares que tem preseguido o nosso paiz n'estes ultimos annos, é consoladora esta nota de paz e de sympathia entre os dois povos da peninsula.
O sr. presidente do conselho e o sr. ministro dos estrangeiros acompanharam El-rei e a Rainha na sua visita a Hespanha onde parece vão ultimar tambem o tratado de commercio entre os dois paizes.
Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia assumiu a regencia do reino durante a ausencia de El-rei D. Carlos, e o *Diario do Governo* publicou no dia 9 a proclamação da Regente.
Não temos mais novidades que dar a não ser a de uns vivas á republica que um grupo de individuos de chapeu alto levantou quando os monarchas portuguezes seguiam na sua carruagem para a estação do Rocio.
Mas esses vivas são apocriphos, porque segundo o sr. dr. Eduardo de Abreu e collegas declararam,

CENTENARIO DA DESCOBERTA DA AMERICA POR CHRISTOVÃO COLOMBO

AS CARAVELLAS «NIÑA» E «PINTA» — CONSTRUIDAS EM BARCELONA
(Segundo photographia)

Effectivamente os cães nunca se tornaram tão importunos e até perigosos como ha uns tempos a esta parte. Alem d'aquelles que diariamente morrem aos bolos de strichinina dos municipios ou engaiolados nas carroças executoras de altas justiças, os que são mortos a tiro do rewolver policial, por darem mostras de estarem damnados, e depois de todo este exterminio ainda surgem cães de todos os lados a ganir e a ladrar, n'um côro infernal, de ensurdecer, não deixando duvida que estamos rodeados de enorme cansoada.
Podem dizer que estamos a fazer figuras de rhetorica para exalçarmos a importancia canina, mas desgraçadamente se os cães a valer, os authenticos fazem sentir os seus aguçados dentes nas canellas dos transeuntes, com uma irreverencia ou mesmo desespero hydrophobo, os cães rhetoricos evidenceiam-se com um positivismo esmagador nas columnas do *Diario do Governo*.
Apezar de todas as reformas, de todas as economias, de todos os descontos, as contas do thesouro no anno economico de 1891–1892 accusam um *deficit* de 8.205 contos de réis, assim o diz o citado *Diario do Governo* nas suas prosaicas cifras esconsoladoras.

orçamento o tal teimoso *deficit*, como se lhe passasse uma esponja por cima.
Nós lembramos a conveniencia de desde já se abrir concurso para a tal esponja que deve ser collossal e não será facil de encontrar assim á mão, como se encontram candidaturas em desponabilidade.
Creia o sr. presidente do conselho que é muito mais difficil encontrar uma esponja nas condições necessarias, do que a sua candidatura por S. Thomé, que lhe deu a maioria de setecentos votos, e sem querermos fazer espirito com cousas serias, esta candidatura por S. Thomé é uma resposta eloquente a esses maldizentes encartados que andavam farejando cangalhos por o sr. presidente do conselho ter sido eleito por *Penacova*. Agora é vêr e crêr como *S. Thomé!*
E emquanto por cá se não vê nada, vejamos o que se passa em Hespanha, onde a estas horas estão sendo festejados os monarchas portuguezes que foram á côrte de Madrid assistir ás festas Colombinas.
Portugal rejubila com o que se está passando na cavalheirosa côrte hespanhola. Os reis portuguezes tem sido alvo das mais affectuosas demon-

taes vivas não se deram, e foi apenas um pretesto para a policia prender uns nove chapeus altos deixando á solta os pobres chapeus de coco ou mesmo os barretes.
Alguma vez se havia de inverter as scenas.
O *Zé-povinho* que veja agora touros de palanque.

João Verdades.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
R. Nova do Loureiro, 25 a 39